

O ESPECTRO

CASTIGO SEMANAL DA POLITICA

O espirito da Asneira construiu no centro de Lisboa um domicilio, onde quiz alçar o throno, e dilatar o imperio da Sandice. Uma fatal força para lá puxou os Asneirões de todas as classes.

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO —
Os Burros.

Se o padre José Agostinho viesse agora ao mundo, muito teria que rir d'esse poderoso baluarte da Asneira — o ex-ministerio dos negocios estrangeiros — assim chamado da Asneira, desde que o illustre e assaz impenetravel sr. Hintze Ribeiro ali arvorou pendão e ali ensarilhou espadins...

A diplomacia canecense d'este Talleyrand d'escada, levou o nosso paiz direitinho ás vergonhas de Londres, e em seguida ao desastre financeiro de Paris.

Agora, não contente com os insultos de lord Salisbury, com o insuccesso do emprestimo de Paris, com as torpezas e calumnias dos portadores de titulos D. Miguel — aos quaes o sr. Hintze teve a audacia ou a insensatez de propôr ha annos um accôrdo ou uma combinação qualquer —; não con-

tente com tudo isto, está-nos preparando aventuras, se não politicas, pelo menos economicas, em todo o Brazil.

Vejamos o que se está passando n'essa Republica para onde Portugal—só em vinhos—exporta annualmente cerca de 4:000 contos.

Ultimamente o governo provisorio do Brazil resolveu:

—Fundar a ordem de Christovão Colombo.

—Considerar o dia 14 de julho (tomada da Bastilha) como dia de festa nacional da Republica.

Estes dois factos bastam, aos olhos ainda os mais ignorantes, para vêr que a Republica brasileira procura por todos os modos pôr de lado a tradição e a influencia portuguezas no Brazil; e desprezando-as, procurar uma communiidade de ideias e de interesses com a França.

E de quem é a culpa?... Quem é o culpado d'esta animosidade do governo provisorio contra tudo que é portuguez, e contra tudo que venha de Portugal?...

Unicamente e simplesmente, esse governo sem ideias, desunido por mil vaidades intestinas, e que anda especulando com a hydra republicana para merecer a confiança da corôa.

Unicamente e simplesmente, esse ministerio de dictadores que de tudo tem medo; que por toda a parte vê conspiradores ou traidores á patria; que acaba de organizar um corpo de policia secreta para espionar os cafés e clubs de Lisboa onde se falla de politica; e que não hesita em pedir auxilio á policia madrilena, de cada vez que Magalhães Lima bebe um copo de Rioja e come uma posta de salmão na companhia de Salmeron e de Labra...

Hão de confessar que é o supra-summo do ridiculo e do funambulismo.

Ainda hei de vêr dos dictionarios portuguezes supprimida a palavra — *Republica* — em nome da segurança publica e do respeito pelas instituições!

* * *

Sou o primeiro a considerar profundamente comica esta decisão do governo provisorio do Brazil fundando a ordem de Christovão Colombo, e destinando como pedestal para a estatua de Colombo, o bem conhecido *Pão de assucar*.

Este desdem historico e nacional por Pedro Alvares Cabral, em proveito de Colombo, faz-me crêr que um dia o governo provisorio tambem se lembrará de decretar que a lingua official da Republica seja o volapuck.

Mas se Portugal tivesse um ministro no Rio de Janeiro; e se a imprensa monarchica portugueza não tivesse passado os mezes de novembro, dezembro e janeiro findos a crivar de facecias o marechal Deodoro e os seus ministros, — estou certo que o governo nunca pensaria em considerar Portugal como um paiz menos digno de attenção que a republica de Andorra ou o principado de Monaco.

* * *

Não é a ordem de Colombo — apesar do desprezo que essa ordem representa pelo nome do unico descobridor do Brazil — o que mais nos deve preoccupar.

O facto mais prejudicial para nós, o que mais separa o Brazil do nosso paiz — é o decreto ordenando que seja considerado dia de festa nacional, o

dia 14 de julho,—que em França é o dia da festa nacional da Republica, em commemoração da tomada da Bastilha.

Isto quer dizer que os portuguezes já não contam no Brazil. Só uma colonia ali ha, que o governo provisorio reconhece oficialmente, e com a qual fraternisa—é a colonia franceza!...

Um dia virá em que os portuguezes—graças aos erros dos nossos governos e ás suas imbecilidades diplomaticas—hão de ser expulsos do Brazil, como o foram os judeus de Portugal.

Só ali ha hoje, *officialmente*, brazileiros e francezes. O 14 de julho vae unir para sempre as duas republicas e os dois povos. E o Brazil que ainda ha poucos mezes sabia que existia na Europa um paiz chamado Portugal—só conhecerá a existencia da França, e só com a França quererá ter relações de ideias e de commercio.

Depois de preferir Colombo a Alvares Cabral, prefere o francez ao portuguez. Porquê?...

Porque o portuguez é o exemplar d'aquella nação, cujo governo collocou os interesses da monarchia acima dos interesses da patria, procurando desacreditar na Europa o movimento republicano brasileiro e o governo do marechal Deodoro.

Emquanto que o francez é o filho d'aquella poderosa nação, cujo governo foi o primeiro na Europa que reconheceu a nova Republica.

*
* *

Se os nossos governos monarchicos tivessem o mais ligeiro amor pelo paiz, pela sua prosperidade, felicidade e bom nome, outra seria a nossa situação moral e material em todo o Brazil.

Mas os nossos governos não são governos de Portugal,—mas sim da monarchia portugueza. Para elles, Portugal não é esse agrupamento de cerca de 5 milhões d'habitantes, cujos interesses e liberdades é preciso administrar e proteger a cada instante. Para elles, Portugal é unicamente e simplesmente a dynastia de Bragança, os seus interesses, as suas vaidades, as suas alianças.

D'aqui toda essa miseria e ignorancia a que chegou o paiz, e a decadencia a que tambem chegou a monarchia,—e que provém dos governos haverem sempre collocado a corôa acima dos interesses da nação.

*
* * *

Reparem para o que se passa no Brazil.

Durante o imperio, os nossos diplomatas apenas se preocupavam em obter as sympathias do imperador, desprezando absolutamente o desenvolvimento da influencia portugueza pelo imperio.

Viu por acaso alguém, um ministro portuguez no Brazil dar-se ao incommodo de percorrer as provincias, de animar e considerar com a sua presença as colonias portuguezas espalhadas nas differentes cidades do imperio?...

Qual foi o ministro que o fez?... Que ministro de Portugal se lembrou de visitar as colonias portuguezas da Bahia, de Pernambuco, do Maranhão, do Ceará, ou do Pará?...

Só o palacio de S. Christovam merecia as attentões e os salamaleques dos nossos diplomatas...

E a tal ponto descia a cortezanice d'esses senhores, que o ultimo ministro portuguez no Rio, por occasião do ridiculo attentado contra o imperador, praticou a suprema incôveniencia diplomatica de

dizer publicamente — «que no dia em que o revolver da anarchia viesse para o meio da rua, todos os peitos portuguezes formariam uma couraça em volta do throno do sr. D. Pedro II.»

E no dia 15 de novembro de 1889 — dia da proclamação da Republica — ninguem viu um unico peito da legação portugueza no palacio de S. Christovam fazendo barreira á onda revolucionaria.

*
* * *

Como querem que amanhã a Republica — governo de facto no Brazil — tenha a mais ligeira deferencia ou sympathia por Portugal, ou por tudo que cheire a portuguez, — quando o ultimo ministro portuguez ali residente fazia politica contra o movimento republicano, e quando a imprensa monarchica portugueza praticou a inconveniencia de procurar desacreditar e ridiculisar na Europa os homens do governo provisorio?

Que temos nós que vêr com o que os brazileiros fazem em sua casa? Qual de nós tolerava que um ministro estrangeiro residente em Portugal se permittisse publicamente fazer a critica dos *regeneradores* ou dos *progressistas*, dos *miguelistas* ou dos *republicanos*?...

*
* * *

O governo portuguez — por um acanhado e falso ponto de vista monarchico — ainda não deu um passo para o reconhecimento da Republica.

Imagina que a monarchia portugueza desce da sua dignidade, pelo facto do governo entrar em relações officiaes com o governo provisorio que des-thronou o sr. D. Pedro II.

Mas são estas ridiculas vaidades monarchicas, são estas prosapias e farofias brigantinas a origem de todas as nossas crises.

Bem sei que a corôa nada soffre — pecuniariamente — quando o paiz soffra. O paiz pôde não encontrar quem lhe beba o vinho, lhe coma os fructos, as carnes, os legumes e o peixe — que nem por isso a lista civil deixa de ser integralmente paga.

Mas na monarchia ha uma coisa terrivel — que é a lei da hereditariedade. E são geralmente os filhos que pagam os erros e os defeitos dos paes.

Assim, é hoje o sr. D. Carlos I que soffre as consequencias da tão fallada alliança com a Allemanha, no que dizia respeito á politica colonial.

E' o governo do sr. D. Carlos que soffre as consequencias d'uma crise financeira, resultado da politica do sr. D. Luiz, fazendo a *grève* das monarchias contra a Exposição da Republica.

E se não é o sr. D. Carlos, é seu filho que ha de soffrer as consequencias d'uma outra crise economica, resultado do divorcio que já hoje existe entre Portugal e o Brazil.

Não me lembra que homem d'Estado disse um dia — que governar era a arte de saber prevêr.

Esta é a maxima de todos os governos em todos os paizes da terra — excepto em Portugal.

* * *

E o que é mais triste e desconsolador, é que toda a gente está d'accordo em que tudo anda torto, e tudo anda mal, — mas ninguem se atreve a reclamar, a protestar, a fazer por assim dizer uma maçonaria de força e de bom senso, para vêr se se salva o paiz d'esta miseria em que caíu.

Parece que ninguem quer estar para massadas;

que toda a gente está convencida de que não vale lutar nem trabalhar, porque a morte é fatal...

Havemos de confessar que é triste—que é triste tanta falta de desinteresse, de generosidade e de patriotismo!

Um facto que verdadeiramente nos deve consolar e que é da mais alta importancia economica—é o que diz respeito á nova emissão de 100:000 obrigações, de 500 francos cada uma, da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes.

Desde o dia 15 de julho corrente que nas esquinas de Paris se vêem os cartazes annunciando esta emissão de 9:000 contos de reis—e nem uma voz se ergueu para criticar ou atacar este emprestimo!

D'onde se conclue—louvado Deus!—que as companhias portuguezas ainda teem credito, e muito credito, na praça de Paris.

E d'onde tambem se conclue que Portugal possue inteiro credito no estrangeiro—á excepção de governos como aquelle que infelizmente nos governa!

Eu não sei o que pensam d'este facto os trombones da regeneração;—nem o sr. Hintze;—nem o sr. Franco Castello Branco, o divertido apologista do monopolio dos tabacos. Mas com certeza que se devem achar n'este momento profundamente convencidos das suas insufficiencias e insignificancias governamentaes.

Pois quê!... Uma companhia portugueza de caminhos de ferro não encontra o mais ligeiro attrito nas praças estrangeiras quando lança um emprestimo de 9:000 contos—e um governo portuguez quando quer fazer uma operação do mesmo valor,

difficilmente encontra banqueiros que lhe emprestem 4:500 contos!...

Mas n'esse caso, uma companhia nacional tem mais consideração financeira nas praças estrangeiras que o proprio Estado!

*
* * *

Esta situação é realmente divertidissima! E' verdade que por occasião do emprestimo de 9:000 contos, os banqueiros só fiaram 4:500 contos ao governo, emprestando mais 4:500 contos os bancos de Lisboa e Porto, para depois os bancos os emprestarem por sua vez ao gabinete *regenerador*.

Mas, n'este caso, para que serve termos um governo sem consideração e sem credito no estrangeiro?... Sómente para processar jornaes; dar monopolios; e lançar addicionaes?...

Não houve subterfugios que os clarinetes da regeneração não inventassem, para explicar decorosamente ao publico a causa do desastre do emprestimo tomado *firme* pela casa Ephrussi. Até se agarraram ao ridiculo pretexto da falta de dinheiro na praça de Paris, por causa das differentes emissões que outros governos aqui teem feito, e mais dos desastres do *Comptoir d'Escompte* e da companhia de Panamá.

Mas se assim é, como explicam esses desafinados clarinetes que não havendo 9:000 contos em *maio* para o Estado, appareçam 9:000 contos em *julho* para uma companhia particular?...

Como explicam que não merecendo o Estado bastante confiança para que lhe emprestassem 9:000 contos, essa mesma somma seja confiada a uma companhia portugueza?...

* * *

E' por causa d'estes e d'outros erros, que os governos morrem e as instituições se desacreditam.

Felizmente que o credito do paiz não soffre com as tropelias praticadas pelos governantes.

Os creditos e o bom nome da nação portugueza estão e estarão sempre acima das asneiras governativas.

Póde o sr. Hintze organizar em Londres a nossa ruina colonial; póde o sr. Lopo Vaz impôr leis que são um insulto aos sentimentos de justiça e de liberdade que hoje predominam em toda a Europa; póde o sr. Franco Castello Branco cahir nas degradantes theorias do monopolio; — que o paiz ha de sair são e salvo de semelhantes humilhações e prepotencias.

E' uma questão de tempo. O portuguez é de sua natureza pacifico e soffredor. Sabe ter paciencia, sabe soffrer, e sabe esperar.

Estas qualidades ainda nós as herdamos dos nossos antepassados. Nem tudo se perdeu, da antiga fibra portugueza.

Dizem os historiadores estrangeiros das nossas antigas descobertas que os portuguezes foram os primeiros que foram ás Indias, sem temor de temporaes e sem receio dos males que dizimavam as equipagens, victimas do escorbuto — porque os portuguezes sabiam soffrer.

Pois ainda sabemos soffrer, em pleno seculo XIX! E quando tiver desaparecido este escorbuto regenerador que ora flagella o nosso paiz; e quando tivermos assistido calados e pacificos ao agonisar d'esta bambochata governativa, e ao ultimo acto da *comedia tragica* de que fallavam as *Novidades* —

então rebentará a pateada e o assobio, não faltarão corôas d'alhos caíndo aos pés do sr. Hintze, mais do sr. Lopo, mais do sr. Franco, mais do genial sr. Arroyo.

* * *

É fartar emquanto é tempo! Encham á vontade esses ventres de farofia e de vaidade!...

Acarretem sobre o Estado todas as humilhações e todos os insultos com que nos mimoseia lord Salisbury!

Dêem aos amigos famintos o monopolio dos tabacos, e o monopolio do pão, e o monopolio dos vinhos, e o monopolio da carne!

Carreguem de impostos o contribuinte! Arrazem com impostos a agricultura, a industria e o commercio!

Dêem cabo de todo o credito que tinhamos no estrangeiro!

E se fôr possivel, tratem de accender uma guerra civil!

Será a grande peça final d'este fogo d'artificio regenerador...

N'esse momento, bem pobres e bem humilhados, os portuguezes começarão a pateada e o ajuste de contas!

Só agora nos faltava a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, que se reduz ao seguinte:

— Vêr-se o contribuinte obrigado a pagar á companhia luso-ingleza uma indemnisação que deve variar entre dois e tres mil contos de reis!

E' quanto nos custa a gerencia do sr. **Pinheiro Chagas**, dando a concessão do caminho de ferro de Lourenço Marques a uma *patriotica* companhia anglo-lusitana, que tinha por director o sr. conselheiro **Serpa Pimentel**, actual presidente do conselho.

E nós a berrarmos todos os dias na imprensa contra os inglezes! Mas contra quem nós devemos berrar — é contra os portuguezes que se arvoram em estadistas, para praticarem semelhantes asneiras e assim comprometterem as nossas finanças...

*
* * *

Quem deu a concessão do caminho de ferro de Lourenço Marques a uma companhia ingleza, disfarçada por detraz d'uma direcção portugueza, para melhor operar a negociata?... Quem?... O sr. Pinheiro Chagas!

E quem é que figura como director portuguez no *prospectus* para a emissão de 425:000 libras sterlingas do *Lourenço Marques and Transvaal railway*?... Quem?... O actual presidente do conselho de ministros!!

Lê-se no tal *prospectus* que tenho presente: — **Director:** *His Excellency Councillor Antonio de Serpa Pimentel, late Minister of Foreign Affairs and Finance in Portugal.*

Ora como querem que estes senhores *regeneradores* tomem uma attitude energica nas negociações diplomaticas com lord Salisbury, quando o actual presidente do conselho era o primeiro director de uma companhia ingleza?...

E que cara hão de fazer os arbitros da Suissa, que hão de resolver a pendencia entre o governo portuguez e a companhia de Lourenço Marques, quando virem á frente d'essa companhia, no mo-

mento da sua fundação, o nome do proprio sr. Serpa Pimentel?!...

Talvez que tudo isto pareça muito regular nas altas esferas da politica portugueza...

Mas perante o contribuinte e perante o bom senso, este dilemma se apresenta, fatal e inabalavel:

— Ou o sr. Chagas e o sr. Serpa andaram mettidos n'este negocio, absolutamente ignorantes do que estavam fazendo contra o seu paiz;

— Ou fizeram este negocio para sacrificarem o paiz, e engordarem os seus amigos.

Prefiro que elles optem pelo diploma de ignorancia e de incapacidade, que, não sendo glorioso, não é deshonesto nem anti-patriotico.

Mas quando os senhores fallam em jornalistas que se querem vender, — onde diabo teem a memoria?...

Como é que os senhores podem defender os interesses de Portugal em Londres, — quando foram os senhores que organisaram levianamente essas companhias, recebendo por esse facto lindos premios e lindos ordenados em ricas e sonantes libras sterlingas?...

Por acaso nos quererá convencer o sr. Serpa Pimentel de que era director *in partibus* do *Lourenço Marques railway*, — e que nunca nas suas algibeiras tiniu o vil metal inglez?!...

* * *

Abaixo as mascaras!...

Para quem conhece um pouco os bastidores da politica portugueza, — o patriotismo governamental nem mesmo já faz sorrir...

Os culpados das nossas misérias colonias são os regeneradores! Durante o longo periodo de annos que estiveram no poder — emquanto Fontes foi vivo — não houve negociata colonial que não fizessem com os inglezes.

A politica regeneradora, toda occupada em caminhos de ferro e em armamentos e defeza militar do paiz, — não fazia a mais ligeira ideia do movimento colonial que começava a agitar os Estados europeus.

Tudo quanto os inglezes sollicitavam em Africa, tudo se lhes dava. Os inglezes, homens de negocio, praticos e previdentes, para terem os governos de baixo das garras, nomeavam os nossos politicos directores das companhias, alugando-lhes os nomes a tantas libras por mez. E quando era preciso reclamar, para salvaguardar os interesses do Estado, ninguem reclamava — porque todos eram directores, ou substitutos, ou auditores...

Esta é que é a verdade! Temos agora um triste exemplo com o caminho de ferro de Lourenço Marques, — que vae custar ao thesouro **entre dois e tres mil contos!!**

A concessão d'essa linha á companhia ingleza, foi dada pelo sr. **Pinheiro Chagas**, quando era ministro da marinha.

Um dos directores d'essa companhia ingleza — como se vê do prospecto para a primeira emissão de 425:000 libras sterlinas — era o sr. **Serpa Pimentel**.

Resultado da operação: — 2:000 contos que tem de pagar o contribuinte!

Eu pergunto agora:

Como é que os srs. Chagas e Serpa — um dando a concessão, o outro acceitando-a — organisaram uma

empreza que seis annos mais tarde passa a ser a ruina do Thesouro? . . .

* * *

Eu nem sei o que é mais doloroso: — se ter de pagar 2:000 contos, se mostrar semelhantes chagas aos olhos dos delegados suissos que vão ser escolhidos para a arbitragem.

Esta roupa suja, melhor fôra laval-a em familia.

Assim como eu tenho por acaso nas minhas mãos um *prospectus* de Lourenço Marques, desde 1884, assim muitos d'estes documentos hão de chegar ás mãos dos arbitros suissos. Que descredito para o nome portuguez!

Fomos nós que fizemos o negocio; fomos nós que demos a concessão; fomos nós que organisamos a companhia. . . E somos nós que não soubemos ou não quizemos defender os interesses de Portugal, que vamos protestar contra os actos da companhia, procurando negar-lhe a indemnisação que ella pede!

Qualquer gabinete podia, de cabeça levantada, sollicitar uma semelhante arbitragem.

Mas quem não tem auctoridade para o fazer é este gabinete regenerador, cujo presidente do conselho é um director-fundador do *Lourenço Marques railway*.

Esta questão de Lourenço Marques póde ser mais grave do que os senhores imaginam: — póde ser uma segunda questão Wilson!

Ha banqueiros tanto em Londres, como em Paris, que affirmam terem papeis compromettedores para muitos politicos portuguezes, — papeis encontrados nas carteiras do fallecido Mac-Murdo. N'esses papeis se vêem nomes, tendo ao lado o numero

de libras sterlinas por que se pagaram as boas graças de tal e tal figurão.

Seria para Portugal uma grande vergonha, se taes papeis viessem ao publico, se taes revelações e miserias se chegassem a imprimir.

Mas se por um lado era vergonha, era por outro lado um bem... Nós precisamos que rebente um grande escandalo, para abrir os olhos do publico, — e para ficarmos conhecendo os *cynicos de face austera* a que ha um anno alludiram as *Novidades*.

* * *

Talvez que a arbitragem de Lourenço Marques seja a bomba que ha de fazer ir pelos ares muito politico sertanejo.

Ha quem affirme que só d'uma vez se gastaram 3:000 libras para calar certas bôcas e comprar certas consciencias...

Será verdade? será uma calumnia ingleza? ...

Não me parece que o inglez seja homem para argumentar com palavriados. Se effectivamente comprou consciencias, essas verbas hão de figurar no seu livro Caixa, tendo indicado o numero de libras por que comprou cada uma d'ellas...

Que magnificos documentos humanos, para um romance da decadencia!

— Quanto vale a consciencia de X...?

— Vale 50 libras.

— E a consciencia de Z...?

— Vale doze vintens! ...

Que esplendida comedia! Que profunda vergonha! ...

Mariano Pina.